



AS CIÊNCIAS HUMANAS NO PROJETO DA UNISC

DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i59.16989>



Suzana Albornoz

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Brasil



Resumo

Em sua reflexão, a professora Suzana resgata aspectos do debate sobre Universidade que orientou o processo político que antecedeu a concretização de um movimento político em favor da criação da Universidade de Santa Cruz do Sul. No decorrer de sua análise, defende que a memória daquela reflexão e daquele processo político tem valor para a compreensão do significado e do papel das Ciências Humanas na Universidade de Santa Cruz do Sul.

Palavras-chave: Universidade; Ciências Humanas; UNISC.

Quando convidada a colaborar em número especial da revista BARBARÓI que deve reunir textos sobre o Departamento de Ciências Humanas da UNISC neste momento de sua despedida, no primeiro momento duvidei se poderia corresponder, embora desejasse muito expressar a minha gratidão e o meu apreço pelo DCH, no qual tive a alegria de exercer a docência por mais de uma década.

Mais tarde, contudo, pensei poder contribuir para a publicação dedicada ao DCH, que busca mostrar o seu sentido acadêmico, social e político, e imaginei fazê-lo por meio de um pequeno testemunho sem pretensão, como o que trago aqui.

O testemunho que desejo compartilhar refere-se ao projeto da Universidade no qual colaborei nos anos 80 do século XX. Trabalho com a hipótese de que a memória daquele projeto tenha valor para a compreensão do significado e do papel das Ciências Humanas na Universidade de Santa Cruz do Sul.

Tive a satisfação participar da redação do projeto inicial da UNISC, a partir de 1983 e nos anos seguintes.¹ Ao lembrá-lo aqui, espero contribuir para que se entenda melhor o sentido das Ciências Humanas na experiência da UNISC, bem como para a manutenção da memória da presença do departamento na Universidade e, assim, para a indicação de caminhos para pesquisa posterior.

* * *

1 Um conceito clássico de universidade

Na elaboração do texto originário, a equipe de redação do projeto da Universidade de Santa Cruz do Sul tinha em mente o conceito clássico de universidade, que se pode também dizer histórico, e que se manteve pelo período “moderno”.

Na universidade, segundo o conceito ao mesmo tempo clássico e moderno, as diversas áreas do saber devem encontrar o seu eixo, ou melhor, o seu nexos em torno da Filosofia ou das Humanidades, o que conferia uma significação especial aos estudos ligados ao mundo humano, como é próprio do Departamento de Ciências Humanas (também ditas Ciências do Homem, Ciências Sociais ou Ciências do Espírito, conforme outras culturas acadêmicas).²

Estou convencida de que a inspiração do projeto da UNISC era, em primeiro lugar, o modelo ideal de universidade que parecia predominar àquela altura do século XX; e, em segundo, estava presente também a consciência do papel que cabia às universidades na história do ensino no Brasil, quer dizer, na história do Brasil em que as universidades chegaram com tanto atraso.

A concepção clássica de universidade, embora marcada pela evolução científica moderna, mantinha-se próxima da ideia de *espírito universitário*³, orientado para uma finalidade não utilitária, a da busca da verdade. Unidade, comunidade, universalidade, como dimensões constitutivas da instituição centrada na busca da verdade, dariam sentido a um conjunto de faculdades, estas que encontrariam realização através de institutos especializados,

¹ O trabalho foi iniciado sob a coordenação do professor Ingo Voese, então Diretor Geral das Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, e em colaboração com a professora Elizabeth Rizzato e outros professores da Fisc.

² As Ciências Humanas são às vezes chamadas *Sciences de l'Homme* na França, *Social Sciences* entre os anglossaxões, e *Geisteswissenschaften* na Alemanha. Mas nem sempre é assim; as variações se multiplicam nesse mundo de intercâmbio globalizado.

³ Remeto à leitura do pequeno ensaio *O espírito universitário* de Alceu Amoroso Lima (Tristão de At hayde). Editora Agir, 1959.

conforme o ramo do saber; conhecimento universal e conhecimento especial aprofundado seriam complementares. Por trás desse modo de entender a universidade ainda não se fazia sentir tão fortemente como hoje o efeito do relativismo cultural, que no último século vem atingindo todas as ciências da cultura e a sua estruturação.

Nos anos 80 do século XX no Brasil, mesmo se na hierarquia do saber não se mantivesse mais no topo a teologia, tal como fora nos tempos medievais quando se originaram as primeiras universidades do Velho Continente, que foram imitadas pelas universidades mais antigas da América; e mesmo se a árvore do saber já não germinasse propriamente do tronco da filosofia, que um dia estivera na origem das ciências; de todo modo, ainda parecia predominar o entendimento de que ali devia ser buscada uma visão ampla do homem e do seu universo, para o assumir consciente da condição humana, da sociedade e do momento histórico, isto é, uma percepção da natureza e do mundo em nível de cultura geral.

Essa visão, ampla e universal, do mundo humano e do universo, “iluminaria” a vida universitária, e se não eram mais os vitrais luminosos das Catedrais, todavia, eram ainda as Luzes modernas da razão que ditavam o conceito do que seria uma verdadeira universidade.

A vida universitária se entendia como uma ambiência intelectual, moral e espiritual, identificada com a pesquisa em todo o espectro do conhecimento científico, supondo o intercâmbio de opiniões e de reflexão, isto é, a vida do espírito.

Tal intercâmbio entre os diversos âmbitos de saber e de formação profissional haveria de possibilitar a criação e a dinâmica, o fazer-se e refazer-se de um ambiente a serviço do aperfeiçoamento do homem integral, não somente apto a novas tarefas pelo saber técnico, que também pudesse desenvolver uma sensibilidade estética e a consciência humanista e cidadã, que fizesse diferença para o bem viver dos homens - logo, o convívio universitário transcenderia a formação profissionalizante.

* * *

2 O ensino superior no Brasil

O ideal universitário era pensado, é claro, com raízes num chão concreto, num contexto histórico preciso; e, como se sabe, a situação das universidades brasileiras é *sui generis*, porque são muito recentes em comparação com as de outros países e regiões do planeta, mesmo no continente. Quando na Europa as universidades encontram suas origens

históricas na tradição escolástica da Idade Média, ou na ebulição das ciências e das artes da Renascença; e quando mesmo em alguns países da América de colonização espanhola - como no Peru e no México - já no século XVI se criaram as primeiras instituições, e, noutros - como na Argentina -, no século XVII, no Brasil elas surgem apenas no século XX.

Se formos revisar no detalhe, veremos que em grande parte da América Latina as universidades ocorreram na época colonial, sendo que mesmo as mais novas, como no caso do Uruguai, afirmaram-se durante o século XIX - no tempo da independência, como construção republicana. No entanto, no Brasil surgiram somente depois de 1930.

As escolas jesuíticas existentes no Brasil desde a Colônia, cujos Colégios ou Seminários ocuparam às vezes a lacuna da ausência de universidades, são vistas por alguns como uma antecipação do ensino superior, mas é impossível negar que seu feitiço e objetivos foram outros, e equipara-los com universidades não parece plausível. Por outro lado, as primeiras escolas brasileiras que vieram a ser denominadas como faculdades ou escolas superiores, buscaram formar engenheiros e/ou médicos no tempo de Dom João VI, no Rio de Janeiro, e surgiram da preocupação urgente com o preparo profissional, com finalidades práticas, utilitárias, de emergência, como o combate a problemas graves de saúde da população e, especialmente, como recurso para o progresso da defesa militar, com vistas à segurança da Colônia que se transformava em Reino.

* * *

3 A inspiração de Córdoba

Além da concepção clássica do ideal universitário, e embora a experiência brasileira de universidade fosse, como lembramos, muito mais recente que a dos países da América espanhola, suponho que se possam haver introduzido no projeto da UNISC alguns traços dos debates latino-americanos que, vinte anos antes, haviam levado os estudantes brasileiros ao Congresso de Reforma Universitária em Salvador da Bahia, antes do Golpe de 1964, em 1961.⁴ Talvez fosse possível resgatar ainda hoje alguns textos com debates e resoluções daquele Congresso, que marcou época na história do movimento estudantil brasileiro, mas devem ter sido muito dispersados e reduzidos, se não totalmente destruídos, pela ação repressiva da ditadura militar, durante os 20 anos que se seguiram.

⁴ Quando tive a oportunidade de representar os universitários do Rio Grande do Sul pelo DCE da PUC-RS, junto com Marco Aurélio Garcia, que representou a FEURGS, a Federação dos estudantes da URGs.

De toda maneira, guardo viva lembrança do seu caráter geral e dou testemunho que naquela ocasião, no início dos anos 60, foi forte sobre o movimento de reforma universitária que era presente em todo o Brasil, a influência do exemplo e do ideário do movimento estudantil de Córdoba na Argentina, com sua histórica ação pela participação dos estudantes no governo da universidade, acontecimento histórico marcante e de caráter democrático, antiautoritário, que remontava a lutas de 1918.

Quando a UNE e os estudantes brasileiros, no inverno de 1962, fizeram uma ampla greve nacional por “um terço” – a “greve do terço”, que postulava o direito à participação nas decisões referentes à vida acadêmica, também quanto ao conteúdo substancial do ensino; quando se reivindicava fossem considerados a voz e o voto dos estudantes como terço das categorias universitárias - como de fato eram, ao lado de professores e funcionários –, foram vencidos no plano das reivindicações; e mesmo anos mais tarde, precisamos pagar aquela dívida em diversos níveis da repressão.

Mas então fez-se uma experiência muito forte de mobilização e unidade da categoria estudantil universitária em âmbito nacional, experiência de valor histórico e político inestimável, que deixou a lembrança da aspiração à democracia interna à comunidade universitária, com influência sobre o modelo de convívio acadêmico e as reivindicações nas futuras universidades brasileiras.

* * *

4 Ensino, pesquisa e extensão.

O início da produção do projeto da UNISC foi anterior a 1988. Sob a pressão dos movimentos sociais de trabalhadores, de mulheres, dos professores, profissionais liberais, o país vivenciava então o processo de “abertura” política, período que também se chamou de “redemocratização”, quando se tentava superar o estrito autoritarismo repressivo dos governos militares, desembocando na Assembleia Constituinte e na Constituição cidadã de 1988.

No entanto, já vigorava a norma e a compreensão entre os educadores e especialistas, funcionários e estudiosos da área da educação superior, da necessidade de associarem-se três dimensões do trabalho universitário, como muitas vezes se chamou o “tripé” da universidade, indicando-se com isso os três pilares - ensino, pesquisa e extensão, tripé que seria depois incluído como ponto da própria Constituição, sob o princípio da “indissociabilidade”.

Uma rápida consulta à internet leva hoje a uma infinidade de textos a respeito, e o leitor será facilmente informado que o princípio da indissociabilidade - entre ensino, pesquisa e extensão - está descrito no artigo 207 da Constituição Federal de 1988, o que significa que estes pilares básicos devem ser tratados de formas equivalentes pelas instituições de ensino superior, além de estarem constantemente atuando de forma efetiva. Cada pilar existe por si só, funcionalmente independente, entretanto, os três aspectos do trabalho universitário estão interligados e, em benefício da universidade, não devem ser dissociados.

* * *

5 As universidades comunitárias

Ainda naquele tempo de redemocratização dos anos 80, colaborei na redação de um texto sobre o conceito de universidade comunitária que então começava a se afirmar no nosso estado.⁵ A Delegacia do Ministério da Educação e Cultura no Rio Grande do Sul foi solicitada e precisou responder formalmente a uma solicitação da Secretaria do Ensino Superior do MEC em Brasília, que demandava definições sobre o conceito de Universidade Comunitária, estatuto já então reivindicado por algumas instituições gaúchas de ensino superior.

Mediamos a definição do conceito pelo relato e a descrição das experiências concretas, como a da Universidade de Ijuí, com sua especificidade e originalidade incontestável, seguida pela Universidade de Caxias do Sul e a de Passo Fundo, que naquele momento também postulavam o reconhecimento como comunitárias.

A UNISC, ainda em fase de projeto, incluía-se na mesma proposta, parece-me, pelas características de sua origem e também por influência das universidades já mais experientes; inclusive, era consciente e explícita a inspiração que lhe vinha da Universidade de Ijuí.

Conclusão.

Este foi um conjunto de cuidados e influências que se combinou no projeto originário da UNISC. Por isso mesmo, no projeto e na experiência da UNISC em suas primeiras décadas reservou-se um lugar importante aos estudos das Ciências Humanas, incluída a Filosofia.

Do conceito clássico de universidade tinha-se que não bastaria cultivar uma formação especializada, por melhor que fosse; nem sequer construir uma formação profissional

⁵ O texto era redigido em colaboração com a professora Rejane Carrion. Desconheço se aquele texto subsistiu ao fechamento da Delegacia do MEC em Porto Alegre, no início dos anos 90.

competente. As Humanidades – Filosofia, História, Literatura, Artes, Política, todas as Sociologias, todas as ciências do Homem – teriam ali um papel essencial a desempenhar, pois constituem o coração (a *alma*) de uma comunidade acadêmica que toma seu sentido na busca da verdade e do conhecimento da condição humana.

Sendo assim, todos os cursos incluiriam disciplinas de formação humanística, seja propriamente filosófica, seja de ciências humanas, psicológicas e sociais.

Partia-se também da consciência da necessidade de desenvolver algo muito novo e ainda sem longa tradição entre nós. A compreensão do atraso histórico e da urgência da afirmação da universidade no Brasil era ao mesmo tempo um desafio à criatividade, com a consciência da necessidade de fazer um grande esforço.

A inspiração dos movimentos estudantis por Reforma Universitária, por outro lado, acrescentava um alerta, outro desafio, para a busca de um convívio professor e aluno mais igualitário e democrático, onde os estudantes tivessem voz e voto.

As exigências legais se encontravam com a consciência de quanto a ciência precisa desenvolver-se no Brasil, e de quanto as comunidades carecem de entender o conhecimento que se desenvolve nas universidades, pelo que realmente faz sentido manter unido e complementar a pesquisa pelo ensino, o ensino pela pesquisa, e ambos pela extensão, ou vice-versa.

Finalmente, de acordo com a experiência característica da cidade e da região, muito presente na gênese da UNISC; conforme às tendências próprias da comunidade local e regional, o modo como pesquisa e extensão se encontrariam com o núcleo do ensino da universidade seria com a compreensão de si mesma como um serviço comunitário, ao procurar seu desenvolvimento e reconhecimento como uma universidade comunitária.

Isso significaria buscar o bem comum, entender seus fins como de interesse público, organizar suas atividades prioritariamente em busca de benefícios públicos, sem visar a objetivos propriamente lucrativos de caráter empresarial, ainda que possuísse uma existência formal de universidade não estatal, sujeita ao direito privado.

Certamente, também para a realização desse aspecto do projeto que encaminhava para a realidade a nova universidade, os estudos humanísticos - em especial, as Ciências Humanas – mantinham-se centrais. Os estudos cultivados pela atividade do Departamento de Ciências Humanas estavam no centro do projeto e eram decisivos para a identidade da UNISC.

Suzana Albornoz, 14 de novembro de 2019.

HUMAN SCIENCES IN THE UNISC PROJECT

Abstract

In her reflection, Professor Suzana recovers aspects of the reflection on the University that guided the political process that preceded the realization of a political movement in favor of the creation of the University of Santa Cruz do Sul. In the course of her analysis, she argues that the memory of that reflection and that political process has value for understanding the meaning and role of Human Sciences at the University of Santa Cruz do Sul.

Keywords: University; Human Sciences; UNISC.

Sobre a autora:

Suzana Albornoz é Graduada em Ciências Sociais, com Mestrado e Doutorado em Filosofia. Lecionou na UNISC em 1983 e no período entre 1999 e 2009. Tem experiência em Ciências Sociais e Filosofia, especialmente em questões de Ética e de Política, e publicou sobre o pensamento de Ernst Bloch e a filosofia da utopia, sociologia e filosofia do trabalho, bem como educação, feminismo, felicidade, amizade, violência e cultura brasileira.